



“EU QUERIA QUE ALGUÉM PERCEBESSE, MAS NINGUÉM PERCEBEU”: O QUE REVELAM AS CARTAS DEIXADAS POR SUICIDAS¹

“I WANTED SOMEBODY TO PERCEIVE, BUT NOBODY PERCEIVED”:
WHAT THE LETTERS REVEALED BY SUICIDES

Vítor Miranda Batista Pereira²
Liza Fensterseifer³

RESUMO: O presente trabalho lança luz sobre cartas deixadas por suicidas, que revelam e oferecem subsídios para o entendimento do comportamento de autoextermínio. Dessa maneira, foi realizada uma revisão da literatura, que abordaram: a definição de suicídio e um breve histórico sobre comportamento suicida; fatores de risco e de proteção para o comportamento suicida; possibilidades de intervenção e prevenção do suicídio; o papel de bilhetes/cartas para suicidas; e, celebridades e suicídio. Nota-se que o suicídio ainda permanece sendo uma incógnita para aqueles que ficam. O estudo insere-se neste contexto, e teve como objetivos identificar o conteúdo e os sentimentos predominantes nas cartas e bilhetes de suicidas; contemplando também em identificar a principal finalidade o bilhete ou carta escrito pelo suicida; a presença de elementos que podem ter atuado como fatores de risco para o comportamento suicida; como também a presença de elementos que poderiam ter atuado como fatores de proteção para o comportamento suicida. Para alcançá-los foi realizado um estudo de natureza qualitativa, documental, que contou com a análise de quatro cartas de personalidades famosas, que cometeram o suicídio. Utilizando-se do recurso da análise de conteúdo, foi possível identificar os conteúdos que mais foram recorrentes nas cartas, então, apresentados em categorias de resultados, revelando que o conteúdo de cartas escritas por suicidas deixa implícitos significados que, muitas vezes, vão além da própria escrita. Assim, este estudo revela que a importância do trabalho da Psicologia no acompanhamento daqueles que são eminentes suicidas, oportunizando que aquilo que aparece registrado nas cartas, seja falado, em tempo hábil, evitando o comportamento autodestrutivo.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento suicida; Cartas suicidas; Fatores de risco; Fatores de proteção.

ABSTRACT: This research shows how suicide letters reveals subjects to understand the self killing behavior. Therefore, a literature review was made approaching: suicide definition and a short history of suicidal behavior; risk factors and protection factors to the suicidal behavior; intervention and caution possibilities about suicide; function of suicide letters/notes; celebrities and suicide. This research has as goals identify the meaning and feelings that are predominant on suicide letters and notes, contemplating the main function of a letter or note to the suicidal; the presence of elements that could act as protection and risk factors to the suicidal behavior. To reach them, an qualitative and documental study was made, that counted with four celebrities letters whose committed suicide. Using content analysis, it was possible identify the most current contents on letters, so, presented on result categories disclosing what notes or letters left by suicidals shows meanings that the most part of the time, are beyond writing. Thus, this study reveals the Psychology relevance on accompaniment of those who are eminent suicidals, giving them the opportunity to talk, avoiding the self destructive behavior.

KEYWORDS: Suicidal Behavior; Suicide letters; Risk factors; Protection factors.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade encontram-se sofrimentos diversos e múltiplos, atravessados por conflitos e dilemas pessoais, sociais, culturais, tais como a troca de valores, o consumo e a

¹ Artigo proveniente de monografia premiada no 2º semestre de 2018 no curso de Psicologia da PUC Minas Unidade São Gabriel (1º lugar).

² Psicólogo graduado pela PUC Minas - Unidade São Gabriel. vitormirandapsi@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. pxl@terra.com.br

primazia do capital, o culto ao corpo e o avanço desenfreado da tecnologia. (ARAÚJO, 2010). Nesse interim, o fenômeno do suicídio ganha destaque, como forma de pôr fim a uma grande dor sentida pelo sujeito, diante de seu desespero e angústia (SILVA, 2017), em uma sociedade que prima pelo espetáculo, penalizando aqueles que sofrem, não deixando espaços para o sofrimento.

Diante da possibilidade de que um milhão de pessoas se suicidem na projeção para 2020 (MELLO-SANTOS, 2005), a prevenção se faz necessária e urgente. Nessa perspectiva, pôr fim à própria vida pode revelar uma falta de espaço para o diálogo e, de certo modo, para que se fale do sofrimento de quem se suicida. Não é incomum que suicidas deixem algum tipo de carta ou bilhete, e compreender significantes, nas cartas, que esclareçam motivos suicidas torna-se essencial, já que a prevenção está diretamente vinculada ao conhecimento dos fatores que podem predispor um indivíduo ao suicídio.

O presente estudo se propôs a analisar cartas de suicidas famosos, dado o acesso facilitado a elas, em função de sua publicação e publicização. Casos como de Ian Curtis (1980), Kurt Cobain (1994), Leila Lopes (2009), Robin Williams (2014), Chris Cornell (2017), Chester Bennington (2017), Kim Jong-hyun (2017), dentre tantas outras personalidades, reforçam o número de suicidas que deixam como legado para aqueles que ficam, uma dúvida: por que ele/ela se matou? O que se propõe aqui é, justamente, buscar elementos que possam auxiliar nesta discussão, através da análise de cartas deixadas por suicidas célebres. Partiu-se da premissa de que apreender os conteúdos e significados contidos nas mensagens deixadas em cartas e bilhetes suicidas pode oferecer subsídios que orientem o trabalho de psicólogos e de profissionais de saúde, no acolhimento de pessoas que apresentem tendência ao suicídio, corroborando para a criação de um plano preventivo eficaz. Compreender as razões para o ato suicida sinaliza o melhor caminho para a idealização de estratégias de prevenção do autoextermínio, em nível coletivo e não só individual. Nesse cenário, a Psicologia torna-se ímpar em colaborar no entendimento do sofrimento humano, identificando as nuances que permeiam essas vivências e em que medida os sujeitos podem se ver propensos a tirar a própria vida.

Considerando estes apontamentos, o presente estudo teve como objetivo geral buscar subsídios para a compreensão do comportamento suicida, através da análise de cartas e bilhetes deixados por suicidas. Os específicos ficaram assim delimitados: 1) identificar o conteúdo e os sentimentos predominantes nas cartas e bilhetes de suicidas; 2) identificar a principal finalidade o bilhete ou carta escrito pelo suicida; 3) identificar a presença de elementos que podem ter atuado como fatores de risco para o comportamento suicida; e 4) identificar a presença de elementos que poderiam ter atuado como fatores de proteção para o comportamento

suicida. Para que estes objetivos pudessem ser alcançados, foi realizada uma revisão da literatura, abordando elementos que contribuem para a elucidação dos significados e sentidos atribuídos ao fenômeno do suicídio, bem como a análise de cartas de suicidas famosos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Definição de suicídio e breve histórico sobre o comportamento suicida

Entender o suicídio e razões para o cometimento do ato é algo que atravessa discussões em um nível macro. A morte é tratada como tabu, e quem tira a própria vida pode ser entendido, pelo senso comum, como alguém ‘fraco, louco’ (CFP, 2013), que opta por abdicar da sua existência, e que fere a sociedade diante do que é desconhecido e temido, pois o raciocínio lógico das pessoas geralmente se faz baseado na premissa de que as motivações para o suicídio são injustificáveis. (CASSORLA, 1984).

Para Cassorla (1984), o indivíduo só se suicida, pois “não tem consciência de que suas potencialidades podem ir além do que se permite usar, de que parte delas está suicidada, bloqueada devido a conflitos emocionais” (p. 13). Assim, a palavra suicídio e o seu sentido da mesma vão para além do que se conhece, pois “utilizamos suicídio para expressar as mais diversas formas de tirar a própria vida, independentemente de ter sido, de fato, intencional e deliberadamente, independente da forma e dos meios utilizados, da motivação e da conjuntura em que o fenômeno ocorre” (CFP, 2013, p. 17), o que também concorda com a definição estabelecida pela OMS em 2006. Vê-se que embora haja uma polissemia por parte de diversos estudiosos, a definição apropriada seria aquela que corresponde ao ato de matar a si mesmo. E esta “saída” tende a ser buscada quando o sujeito se vê em grande sofrimento, o que o acaba impedindo de enxergar novas possibilidades de enfrentamento de suas dificuldades. (MINAYO; CAVALCANTE; SOUZA, 2006).

Do ponto de vista histórico, a ocorrência do suicídio é registrada desde os primórdios da humanidade, sendo recorrente e observada desde os povos primitivos, por vezes atrelada a práticas religiosas e a honra dos indivíduos. Silva (2017) traz como exemplo o suicídio na Grécia Antiga, em que o poder de decisão de um suicidado se dava por direito do Estado, e àquele que mesmo diante disso se suicidava, era sepultado com a mão amputada e enterrada à parte; no entanto, na medida em que o tempo passou, houve um afrouxamento da intervenção estatal na decisão do sujeito, deixando-o responsável pela própria morte.

No Império Ocidental Europeu, como na Dinamarca, o suicídio era bem aceito, em fa-

ce do sujeito abster-se da morte natural ou míngua. Os egípcios, como servos, morriam junto de seus faraós quando estes faleciam; os hindus e bárbaros consideravam a retirada de suas vidas como algo de benfeitoria e legítimo de se fazer. (KALINA; KOVADLOFF, 1983). Na Índia Antiga, as mulheres eram enterradas com seus maridos mortos; no Japão, os vassalos cometiam o suicídio após a morte do seu senhor; em Uganda, as mães tiravam a própria vida quando seus filhos morriam; e nas Ilhas Salomão, as mulheres competiam para ver quem seria enterrada com seu marido. (CASSORLA, 1984).

Na Idade Média, o suicídio ganhou uma conotação mais religiosa, na qual a igreja condenava os suicidas alegando que somente o próprio Deus era capaz e habilitado para retirar a vida dos cidadãos. Além disso, afirmava-se que aqueles que se matavam estariam possuídos por forças demoníacas e diabólicas (KALINA; KOVADLOFF, 1983). Ainda nessa época começou a condenação do autoextermínio, com Santo Agostinho, que considerava o suicídio como um ato pecaminoso, uma vez que morrer por conta própria feria os interesses da coroa, levando à penalização da vítima, que perdia o direito a um funeral e tinha seus bens confiscados. (CFP, 2013). Ainda que seja cometido desde a antiguidade, o suicídio torna-se um fenômeno moderno, ressaltada sua ocorrência e prevalência estatística nos dias atuais, na proporção de aproximadamente 11 casos para cada 100 mil habitantes. (ONU BRASIL, 2016). Para que seja possível pensar em prevenção da autodestruição, é preciso, entender e compreender quais são os comportamentos que podem sinalizar para o risco de suicídio, possibilitando a identificação de suicidas em potencial, favorecendo ações de cuidado e de intervenção realmente eficazes.

2.2 Fatores de risco e de proteção para o comportamento suicida

É sabido que o suicídio consiste num problema de saúde pública, e que todo meio pelo qual uma pessoa tenta lesionar a si mesma, com vistas a ser letal, recebe o status de comportamento suicida. (WERLANG; BORGES; FENSTERSEIFER, 2005). O fenômeno em si é complexo e multifatorial, determinado por fatores de ordem pessoal, familiar, ambiental, religiosa, econômica e histórica. (MINAYO; CAVALCANTE, SOUZA, 2006). O que se observa é que “a maioria das pessoas com ideias de morte comunica seus pensamentos e intenções suicidas. Elas, frequentemente, dão sinais e fazem comentários sobre “querer morrer”, “sentimento de não valer pra nada”, e assim por diante. (BRASIL, 2006b, p. 52).

Atentando para sinais de comportamento suicida, devem ser levados em conta indícios como a falta de interesse nas atividades, diminuição do esforço, ausências no trabalho e ou

escola e abuso de substâncias (WHO, 2001), que podem estar atrelados, então, a uma certa predisposição ao suicídio. Também podem ser observadas a ambivalência entre vida e morte, impulsividade e rigidez ou constrição mental. (BRASIL, 2006a).

Outros fatores predisponentes ao suicídio são elencados por Teng e Pampanelli (2015), ao considerarem condições clínicas dos sujeitos, tais como síndromes dolorosas crônicas, epilepsia, lesões neurológicas, HIV/Aids e alguns tipos de câncer. Ainda, as estatísticas conduzem a uma afirmativa de que, no suicídio “cerca de 90 % dos casos e 40% das tentativas de suicídio estão associados a transtornos mentais, principalmente depressão e abuso de substâncias psicoativas” (CRP-SP, 2003), e dentre os transtornos destacam-se a depressão, a esquizofrenia e a ansiedade (BRASIL, 2006b). Todas essas condições podem desencadear a ocorrência do ato.

Botega (2014), ao realizar um estudo epidemiológico, constatou que os suicídios são motivados, em sua maioria, por fatores de ordem sociocultural, econômica e mental. O autor cita as contribuições de Bertolote e Fleischmann (2002), que apontam alguns fatores ou elementos precipitadores do comportamento suicida, tais como rompimento amoroso, perda de emprego e/ou desestruturação de vínculos sociais, situações de risco relacionadas a uma determinada doença ou ao seu tratamento.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2001), deve-se considerar, ainda, eventos como pais doentes, casos de alcoolismo, antecedentes familiares suicidas, divórcios, rigidez familiar, cobrança excessiva dos pais e alta expectativa em si mesmo. Afetivamente, conflitos de identidade de gênero e orientação sexual também são fatores importantes, assim como distúrbios do humor, comportamento antissocial, impulsividade, irritabilidade, viver num mundo ilusório e de fantasia, ter sentimentos de inferioridade, ansiedade excessiva, ter vivido a morte de um ente querido, o término de um relacionamento, solidão, decepções escolares, agravamento de doenças, receber um diagnóstico de doença fatal, desemprego e problemas econômicos também podem ser fatores de risco ao suicídio.

Uma contribuição exponencial ao entendimento do comportamento suicida vem das ideias de Shneidman, citado por Luis (2016), ao considerar a dor psicológica como fator de risco primordial para que ocorra o suicídio. Para o suicidologista, a desesperança, a depressão e os afetos negativos são forças poderosas que levam o indivíduo a pensar que se matar é a única solução para seus dilemas e problemas. Afinal, nas palavras do próprio autor, “eu acredito que o suicídio é essencialmente um drama da mente, em que este drama é quase sempre conduzido por uma grande dor psicológica, a dor das emoções negativas – a dor a que chamo *psychache*... Sem *psychache* não há suicídio”. (SHNEIDMAN, 2001a, p. 200 citado por

LUIS, 2016, p. 17).

Ainda, em Luto e Melancolia, Freud ([1917]/1987) explica o suicídio a partir do sentimento de melancolia, do desânimo profundo, da cessação de interesse do sujeito, perda de sua capacidade de amar e da diminuição da autoestima, o que leva o sujeito a uma perda do objeto amado, que, na verdade, é a causa de seu sofrimento e desprazer. Assim, o sujeito pensa em cessar esse desprazer, custe o que lhe custar, a fim de conservar-se.

Ao serem tratadas diferenças de gênero, o suicídio é mais efetivo entre homens do que mulheres, pois eles têm mais propensão a adotar métodos mais letais, portanto, mais eficazes. (LOVISI et al. 2009; BOTEGA, 2014; CARPENTER et al. 2016; ONU BRASIL, 2016). Segundo Lovisi et al. (2009), esta diferença pode ser explicada, em parte, pelo fato de as mulheres serem frequentemente mais religiosas, terem menores taxas de alcoolismo e buscarem mais apoio social e psicológico.

Se por um lado há fatores que podem predispor o sujeito ao suicídio, há outros que podem minimizar a chance de sua ocorrência, tais como a existência de uma boa relação familiar, confiança em si mesmo e busca por ajuda quando necessário, reconhecimento, apoio das pessoas do convívio do sujeito, integração social dotada de bom relacionamento com os outros e apoio de pessoas próximas. (WHO, 2001). Na visão de Botega et al. (2006), outro fator de proteção para o suicídio é a religiosidade, que se liga intrinsecamente à cultura. Dependendo das práticas, religiões que incentivam a conversa e o diálogo, constituem como um fator protetivo para o suicídio. Nas mulheres, a maternidade pode se fator protetivo, devido ao apego aos filhos, enquanto que para os homens, estar empregado tende a imprimir efeito de proteção para o autoextermínio. Num sentido geral, “o sentimento de “pertencer”, no sentido de possuir forte ligação, seja a uma comunidade, a um grupo religioso ou étnico, a uma família ou a algumas instituições protegem o indivíduo do suicídio”. (BOTEGA et al. 2006, p. 216).

Desse modo, fica explícito que para a compreensão do fenômeno da autodestruição é fundamental conhecer as razões que levam um indivíduo ao suicídio. Daí é que entram em cena as cartas, bilhetes, vídeos e qualquer material que o suicida possa ter deixado como registro, pois tomados como elementos de análise, eles podem contribuir para o esclarecimento daquilo que predispôs e foi, em última instância, determinante para que o suicídio fosse consumado.

2.3 O papel e o significado de bilhetes/cartas de suicidas

Escrever está para além do simples ato de expressar-se. Tendo como pressuposto o que

Silva (2017) traz, ao citar Leach (1978), a comunicação humana é dotada de signos, códigos e linguagens, logo, as cartas também são dotadas destes elementos. Parece ser possível inferir, então, que as cartas escritas por suicidas deixam, de forma implícita ou não, algo que caracterize e comunique experiências que velam o sofrimento da vítima, trazendo elementos que favorecem a compreensão do que os suicidados gostariam de deixar como registro final de suas vidas. Vale destacar que no caso de suicidas que deixam cartas, esta escrita tende a abarcar os desassossegos vividos na tentativa de que sejam “ouvidos”, e olhados. É como um último ato que chama a atenção para seu último gesto. (SILVA, 2017).

Carpenter e colaboradores (2016), em um estudo realizado em Queensland, na Austrália, demonstraram que dentre todos os suicidas da cidade, as mulheres eram mais propensas a deixar cartas. Outros estudos envolvendo a análise de cartas e bilhetes deixados por suicidas abordaram a diferença entre gêneros e a qualidade da escrita. Lester e Leenaars (2016), analisando cartas constantes do arquivo de Edwin Shneidman, suicidologista americano, datadas da década de 1950, observaram maior frequência de cartas em casos de suicídio de homens do que de mulheres. Em contrapartida, os autores observaram que a escrita das mulheres era mais organizada, havia mais uso da terceira pessoa, em detrimento da primeira pessoa, tanto do singular como do plural, havia mais negações (não, nunca), discrepâncias (deveria, poderia), associadas à ansiedade e aos sentidos (ver, ouvir, tocar).

Handelman e Lester (2007) analisaram 40 cartas de suicidas e de pessoas que tentaram se matar, e constataram, na escrita daqueles que foram bem sucedidos no ato, um maior número de referências à segunda e à terceira pessoas, mais verbos no futuro, tendência ao isolamento (uso de palavras como “incluir” e “com”) e um apego maior a divindades e à metafísica, tais como menções à Deus e ao paraíso. Outro achado é que, em comparação às cartas deixadas por tentadores de suicídio, observou-se que nestas, há uma maior tendência ao aparecimento de conteúdo de referência social, de tempo, com emoções mais positivas e abrangendo temas como escola e religião.

Em estudo posterior, Pestian e colaboradores (2012), também comparando cartas de suicidas e de tentadores de suicídio, observaram que entre aqueles que têm sucesso em seu ato, as cartas expressam um maior desejo de morte, sentimentos de raiva, vingança, culpa e punição. Entre as cartas escritas por sujeitos mais jovens, a análise realizada revelou que elas tendem a ser mais longas e ricas em emoções tais como perdão e súplica. Este achado corrobora a compreensão de que as cartas de suicidas apresentam um conteúdo que evoca o sofrimento de quem tira a própria vida, sinalizando algo que os atravessa de tal maneira que os leva a buscar a própria morte.

Baseando-se em métodos estatísticos de classificação, Roberts e Harabagiu (2012), em análise de cartas de suicidas, constataram que elas, majoritariamente, tratam de conteúdos emocionais e de aspectos como amor, instruções, informações, culpa e desesperança. Estes achados convergem com o que se pensa sobre o suicídio, sendo algo cometido diante da desesperança e do desamparo. Em menor escala, porém recorrentes ainda, os autores identificaram conteúdos envolvendo tristeza, perdão, gratidão, raiva e ansiedade. Desse modo, é notório que as cartas de suicidas trazem elementos que podem favorecer a apreensão e compreensão do significado do sofrimento do sujeito que buscou sua morte. Justamente por isso é que cartas de suicidas foram o objeto de análise do presente estudo.

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, constituindo-se como uma investigação documental, uma vez que se concentrou em acessar cartas, como domínios particulares e fontes de registo primárias. (MARCONI; LAKATOS, 2002). A importância deste tipo de documento reside no fato de “seu conteúdo não oferecer apenas fatos, mas o significado que estes tiveram para aqueles que os viveram, descritos em sua própria linguagem” (p. 69). Nessa perspectiva, foram analisadas quatro cartas de suicidas famosos, disponíveis na internet.

A escolha pelas cartas que foram objeto da análise deste estudo, apoiou-se na disponibilidade dos documentos em meio digital⁴ e em veículos de comunicação, levando em conta, também, a repercussão dos casos. As cartas selecionadas foram de duas mulheres e dois homens, de suicídios ocorridos em contextos, lugares e tempos históricos diferentes. No quadro 1, abaixo, podem ser visualizadas algumas informações relevantes sobre cada caso analisado neste estudo.

⁴ Todas as cartas se encontram em: BELÉM, Euler de França. Virginia Woolf tentou ‘curar’ sua loucura pelo suicídio. **Revista Fábula** [online]. Publicado em 2014. Disponível em: < <https://www.revistabula.com/2229-virginia-woolf-tentou-curar-sua-loucura-pelo-suicidio/> > Acesso em 29 mai 2018.

MEDEIROS, Renata. **Adeus à Kim Jong-hyun: 30 fatos sobre a vida do astro k-pop**. Publicado em dezembro de 2017. Portal R7. Disponível em: < <https://segredosdomundo.r7.com/adeus-kim-jong-hyun-30-fatos-sobre-vida-do-astro-k-pop/> > Acesso em 14 jun 2018.

O GLOBO. Divulgada a carta deixada por Leila Lopes. **Jornal O Globo** [online]. Publicado em 08 dez 2009. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/divulgada-carta-deixada-por-leila-lopes-3185750>> Acesso em 01 jun 2018.

TERRA. Kurt escreveu em nota de suicídio: melhor queimar que apagar. **Portal Terra**. Publicado em 3 abr 2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/musica/kurt-escreveu-em-nota-de-suicidio-melhor-queimar-que-apagar,87edaec0b325410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>> Acesso em 01 jun 2018.

Quadro 1. Informações sobre os casos analisados

Nome do suicida	Idade na data da morte	Data da morte	Método escolhido
Adelaide Virginia Woolf	59	28/03/1941	Afogamento
Kurt Donald Cobain	27	05/04/1994	Tiro de Espingarda
Leila Gomes Lopes	50	13/12/2009	Envenenamento
Kim Jong-hyun	27	18/12/2017	Inalação de Monóxido

Para a análise das cartas selecionadas foi utilizada a técnica da análise de conteúdo (MORAES, 1999; MORAES; GALIAZZI, 2006), uma estratégia para a categorização dos dados coletados, que permite que sejam estabelecidas unidades de análise, de acordo com o que os próprios dados, neste caso, as cartas, apresentaram e revelaram.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme exposto, as quatro cartas selecionadas foram lidas e analisadas, e a partir desta leitura foram definidas 4 categorias de análise, a saber: 1) narrativas de sofrimento; 2) sentimento de culpa/infelicidade; 3) agradecimento e gratidão; 4) recados/posteridade. A definição destas categorias foi baseada na recorrência e frequência de determinados temas e conteúdos expressos nas cartas, o que acabou dando “nome” às categorias analíticas, que constam apresentadas e discutidas a seguir.

4.1 Narrativas de sofrimento

A primeira categoria de análise refere-se ao sofrimento que pôde ser observado nas cartas, caracterizado pelo que toca e afeta os suicidados, estando, de certo modo, no cerne de sua busca pelo suicídio. Nesse aspecto, todas as quatro cartas analisadas apresentaram conteúdos condizentes com um grande sofrimento, cada uma em sua particularidade e de modo próprio.

Para se compreender tais achados, pode-se tomar como referência as ideias de que toda a literatura preconiza, afirmando que o suicídio é um ato para calar a dor daquele que sofre. Sofrimento gerado pelo sentimento de solidão, pela percepção de que se está sozinho e desamparado para o enfrentamento das situações e dificuldades da vida, o que impede o sujeito de perceber possibilidades, que amenizem suas experiências negativas e dolorosas, mesmo que vividas muito antes da consumação do ato. Isso fica evidente em um trecho da carta de

Kurt Cobain, quando ele escreve que

“Há muitos anos eu não venho sentindo excitação ao ouvir ou fazer música, bem como ler e escrever. [...] eu simplesmente amo as pessoas demais, tanto que chego a me sentir mal. O triste, sensível, insatisfeito, pisciano, pequeno homem de Jesus [...] não tenho mais paixão [...]”

Este trecho desta carta evidencia elementos que remetem ao sofrimento vivido por seu autor, que indica que este sentimento tem, inclusive, o impedido de fazer uma porção de coisas: “[...] aterroriza a ponto de eu mal conseguir funcionar”. Além do sofrimento que consta em sua carta, observa-se na biografia de Kurt o abuso de álcool e drogas. (HISTORY, s/d). Este dado corrobora com o que Bertolote e Fleischmann (2002) apud Botega et al. (2014) e Teng e Pampanelli (2015) afirmam ao considerar que o uso de substâncias, tais como drogas e álcool são fatores de risco e precipitantes para o comportamento suicida.

O sofrimento também foi conteúdo recorrente na carta do jovem Kim Jong-hyun. Além disso, pode-se dizer que das quatro cartas analisadas, nesta houve a maior recorrência de ideias e conteúdos que explicitam o sofrimento, em algum modo e expressão. Assim, Kim deixa claro, em suas palavras, que não estava se sentindo bem, culpando-se pelo sentimento de desesperança e descrença nas coisas, em si e no mundo. Ele expõe o seguinte:

“Estou quebrado por dentro. [...] eu estava sozinho [...] Se eu perguntar por que as pessoas morrem, eu acho que diriam que elas estavam cansadas. Eu sofri e me preocupei. Nunca aprendi a transformar minha dor em alegria. Dor é apenas dor. [...] É incrível o quanto estou machucado. [...] De todas as pessoas vivas, não existe nenhum mais machucado do que estou e nenhum mais fraco do que eu [...] Descobrir por que estou machucado? Eu lhe disse o porquê. Porque eu estava machucado. Não está certo estar tão machucado por causa disso? [...] Eles disseram que era por isso que eu estava mais machucado. Porque eu confrontei o mundo, porque eu era conhecido pelo mundo.”

Diante disso, pela frequência do uso da palavra “machucado”, é notório que Kim estava descrevendo suas condições emocionais e seu estado de ânimo, e que vê a ele próprio como alguém fragilizado e mais vulnerável, justamente pelo fato de ser conhecido pelo mundo. Nota-se, de modo evidente, no discurso registrado por Kim em sua carta, o que descreve Shneidman (2001a), apud Luis (2016), como principal fator de risco para o suicídio: aquilo que ele chama de *psychache*, que leva, conseqüentemente, a emoções de cunho negativo. Trata-se de uma dor psicológica tão intensa, que induziria o sujeito à autodestruição, como estratégia de bloqueio e cessação desta dor insuportável.

Na carta deixada por Leila Lopes, as evidências do sofrimento vivido por ela também são notórias, tal como em trechos em que diz “fui uma guerreira, mas cansei”, fazendo alusão

à exaustão sentida por ela. Como se estivesse “depondo as armas” e desistindo de uma vida de muito sofrimento. Leila continua:

“eu não quero envelhecer e sofrer. Eu vi minha mãe sofrer até a morte e não quero isso pra mim. Eu quero paz! Estou cansada, cansada da cabeça! Não aguento mais pensar, pagar contas, resolver problemas...”

Através deste trecho, nota-se que a rotina tornou-se algo insuportável para Leila, a ponto de ela optar por dar cabo à própria vida, justamente pelo tom de “fardo” com que sentia as questões cotidianas, recusando-se a sofrer até a velhice. E isso, de certa forma, já aponta para questões vinculadas a um quadro depressivo, pois dificilmente um sujeito vê a vida com tamanha desesperança se não estiver deprimido, o que está alinhado com os postulados teóricos que atestam a presença da depressão em sujeitos que cometem o suicídio. (BERTOLOTE; FLEISCHMANN, 2002 apud BOTECA et al, 2014). Além disso, se o envelhecimento, com todas suas dificuldades, pode se constituir como fator de risco para o suicídio (LOVISI e colaboradores, 2009), uma das possíveis razões atreladas ao caso de Leila, pode estar justamente na recusa a ter de definir até a própria morte, em face à diminuição do vigor físico ou da beleza.

Virgínia Woolf, em sua carta, deixa claras expressões que caracterizam o seu sofrimento, levando em conta seu estado mental de depressão, diagnosticado antes da data de seu suicídio. Assim, ela escreve ao marido dizendo

“tenho certeza de que vou enlouquecer de novo. Não podemos passar por mais uma daquelas crises terríveis [...] Começo a ouvir vozes e não consigo me concentrar [...] Veja que nem consigo escrever direito. Não consigo ler. [...] Não posso continuar estragando sua vida”.

Desse modo, torna-se evidente, assim como em cartas discutidas anteriormente, o sofrimento de Woolf, atribuindo seu estado de ânimo à sua própria patologia, recusando-se a ter outra crise, que decerto a deixaria em um estado confusional – afinal, já estava começando a ouvir vozes. Bertolote e Fleischmann (2002) apud Botega et al. (2014) são enfáticos ao afirmar que a depressão é um dos fatores de risco mais relevantes nos casos de suicídio. Toman-do este fato como elemento de análise, é possível dizer que Kim Jong-Hyun, Virgínia Woolf, Kurt Cobain e Leila Lopes apresentaram, em algum momento de sua vida, um transtorno mental, com destaque para a depressão. Mesmo que isso não esteja explícito em todas as cartas analisadas aqui, dados de suas biografias apontam para a presença de episódios depressivos.

Por tudo isso, observa-se que a análise desta categoria – Narrativas de sofrimento – oferece subsídios a respeito da importância de se identificar fatores e comportamentos de risco para o suicídio. Vê-se, assim, que as cartas revelam elementos que podem contribuir para uma compreensão do que predispôs o sujeito ao suicídio, e mais, do que pode ter atuado como precipitador do ato letal.

4.2 Sentimento de culpa/Infelicidade

Em cartas suicidas, é comum que se encontrem temas relacionados à culpabilização, e nesse sentido, Pestian e colaboradores (2012) encontraram, em cartas de pessoas que tiveram sucesso no ato suicida, conteúdos que evocavam o sentimento de culpa. Roberts e Harabagiu (2012) reforçam este dado e o complementam, trazendo que, além de culpa, as cartas também podem estar carregadas de desesperança, tristeza e desamparo. Todas essas características são descritas na literatura como fatores de risco para o comportamento suicida. (BRASIL, 2006b).

Considerando, então, a manifestação da culpa, a carta escrita por Kim Jong-hyun é a mais textual, como pode ser observado em trechos como

“foi minha culpa no final [...] estou machucado por causa de mim. É minha culpa, é porque sou ruim [...] Quando o doutor culpou minha personalidade com uma voz silenciosa, eu pensei o quão fácil era ser um doutor”.

Nesses momentos, o ex-cantor do grupo ShinEE, expressa de modo claro um sentimento de culpabilização pelas próprias ações, que findaram sua vida. Ao longo da carta, Kim deixa claro um sofrimento perturbador, que o deixa machucado e quebrado, certamente atrelado à presença da depressão, que “lentamente me engoliu por inteiro, e eu não pude vencê-la”. Zimerman (1999) discute alguns tipos de culpa que se mostram presentes nos quadros de depressão. Em um deles, o autor destaca a descrença do ego em suas próprias capacidades, o que favorece, justamente, o esvaziamento do ego e fortalece a crença de que a pessoa não tem nada de bom, culpando-se por sua própria condição. Logo, os sentimentos depressivos e de desvalor seriam justificados, afinal, como gostar e/ou valorizar alguém que não tem nada de positivo?

Um outro elemento-chave para a consideração da culpa que Kim sentia, na mesma direção do apontamento feito acima, refere-se ao que um médico teria dito a ele, atribuindo-lhe toda a “culpa” pelo que estava passando. Esse ponto reflete significativamente o estado emocional de Kim, como de alguém fragilizado, que recorre sempre a si mesmo pelos problemas e

infortúnios, tanto que considera “um milagre eu ter durado tanto”. Nas últimas palavras de sua carta, Kim expressa seu desejo por expiar sua culpa, tendendo a retirá-la de si em função de ter optado por sua própria morte. De certo modo, pode-se entender que, tendo lutado contra a depressão e contra seu estado de perturbação mental, ao fim, mesmo tendo sido vencido, ele gostaria de garantir que teria créditos por esta luta. Ele encerra sua carta fazendo um apelo, que evidencia o anseio de ser reconhecido em sua tentativa de sobreviver ao sofrimento. O mesmo escreve:

“eu queria que alguém percebesse, mas ninguém percebeu. [...] Apenas me diga que trabalhei duro. Mesmo que não possa sorrir ao me deixar ir, por favor, não me culpe. Eu trabalhei duro. Eu realmente trabalhei duro. Adeus”.

Na carta de Virgínia Woolf, a narrativa que lhe confere o sentimento explícito de culpa está registrada, principalmente, no trecho: “sei que estou estragando sua vida”, deixando claro que ela havia se considerado um fardo para o marido. Em toda sua carta ela expressa seu estado de infelicidade, em virtude de seu estado mental, acometida pela depressão, assim como Kim. Após relatar a felicidade em conviver com o marido e de ter-lhe atribuído a possibilidade de salvamento, Woolf finaliza seu documento reafirmando que “não posso continuar estragando sua vida”.

Nesse caso em específico, é preciso considerar o suicídio recorrente também em suicidas de idade mais avançada – destaca-se que, ao se matar, Virgínia tinha 59 anos, o que, para a época, já se configurava como idade próxima à velhice – os sentimentos de tristeza, desamparo e culpa. Além disso, Roberts e Harabagiu (2012), como já mencionado, em seus estudos envolvendo cartas de suicidas, observaram com frequência a presença de conteúdos de culpa e desesperança. Nesse mesmo contexto, o CRP-SP (2003) destaca o papel da depressão no suicídio, ressaltando que o funcionamento típico dos sujeitos deprimidos envolve, justamente, os sentimentos citados. Isso reforça a importância da depressão para ser pensada como fator de risco para o autoextermínio.

Na carta deixada por Kurt Cobain, o sentimento de culpa também está presente. O cantor atribui a si mesmo a culpa por não sentir mais a excitação em ser um astro da música, subir aos palcos e cantar para uma multidão, e sofre muito por isso: “minha culpa por isso é indescrevível em palavras”. Ele escreve, ainda: “não consigo superar a frustração, a culpa e a empatia que tenho por todos”, fazendo menção à ideia que tem de si mesmo, como diferente daquela com a qual as pessoas estão acostumadas. Este aspecto fica ainda mais evidente ao longo de sua carta: “não posso suportar a ideia de Frances se tornando o triste, autodestrutivo

e mórbido roqueiro que eu me virei”, referindo-se à filha e manifestando, novamente, uma concepção bastante depreciada e denegrida de si mesmo. A autodepreciação e a infelicidade ganham destaque: “eu sou mesmo um bebê errático e triste!”. Em meio a este turbilhão de sentimentos depressivos e desesperançosos, Kurt atira contra si mesmo, em sua casa, na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. O contexto apresentado por Kurt conflui com o que pensam Teng e Pampanelli (2015) e Shneidman (1996), citado por Luis (2016), quando indicam que o suicídio dificilmente pode ser pensado sem a consideração da presença da desesperança e da depressão, o que, inclusive, já foi destacado em diferentes pontos da presente análise, o que, certamente, só reforça esta ideia.

Em contrapartida, dando outro rumo senão a culpabilização e infelicidade, Leila Lopes diz da coragem para deixar a vida, não evidenciando assim, possibilidade de sentimentos de infortúnio, uma vez que a mesma deixa em caixa alta “eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!!”. Essa atitude de Leila contradiz o que se revelam em muitas cartas, pois aborda de maneira positiva, as experiências que teve enquanto uma celebridade brasileira.

Nesta categoria foram apresentados e discutidos resultados que tem relação direta com fatores de risco para o suicídio, tais como a desesperança, a infelicidade, a culpa e outros sentimentos negativos. (BRASIL, 2006b). Isso evidencia o papel importante da presença de psicopatologias e de um extremo sofrimento psíquico no sujeito suicida, a chamada *psychache* (SHNEIDMAN, 1996 apud LUIS, 2016). Estes achados sinalizam para o fato de que foi possível observar registrados nas cartas analisadas, fatores tanto de risco quanto precipitantes para o autoextermínio dos quatro sujeitos tomados como objeto deste estudo.

4.3 Gratidão/Agradecimento

Roberts e Harabagiu (2012), em análise de cartas suicidas, observaram a presença de conteúdo relacionado à gratidão. Ainda que ela tenha aparecido em menor escala que outros sentimentos ou fatores analisados, os autores destacaram a importância de não excluir este elemento, por ocasião da busca de compreensão para as razões que levam um sujeito a se matar. Na carta deixada por Leila Lopes, é explícita sua gratidão e apego à religião para justificar o ato, uma vez que a mesma considera que

“[...] a vida foi muito mais maravilhosa do que sofrida para mim. Obrigado Jesus, Nossa Senhora e meu Deus, perdoem-me e recebam-me como a filha honesta e bondosa que sempre procurei ser! Fiquem com Deus, todos!”.

Nesse sentido, a atriz ressalta que pôde viver de uma maneira que considerasse proveitosa, identificando o sentimento de satisfação, em detrimento do sofrimento. É evidente que Leila evoca a gratidão por ter vivido de maneira adequada aos seus princípios e valores morais e éticos. Ela ainda aborda em sua carta, que “tive uma vida linda, conheci o mundo, vivi em cidades maravilhosas, tive uma família digna e conceituada em Esteio, brilhei na minha carreira, ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele.” Isso, corrobora com o sentimento de agradecimento pelas experiências de vida que a mesma pôde presenciar, atribuindo à sua trajetória a satisfação por ter experimentado e conhecido coisas, lugares e pessoas diferentes.

Uma leitura atenta à carta de Leila pode suscitar a ideia de que há uma tentativa de expiação de culpa, quando a atriz recorre a Deus, para reconfortar-se pelo suicídio. A ambivalência de sentimentos também pode ser observada, já que mesmo sempre fazendo a coisa certa, sendo honesta, bondosa, o sofrimento ainda é tanto, que o suicídio configura-se como única alternativa possível. O apelo à religião também surge neste contexto, numa tentativa de pedir perdão pela autodestruição, em um franco desejo de reparação. Ao mesmo tempo em que ela registra que num mundo em que ela fez tudo certo, ainda assim, ela sofria, ela repara a possível instalação de culpas, atribuindo a si mesma a razão pelo ato, conforme escrito por ela:

“Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!! Era tudo o que eu queria: ter paz eterna com meu Deus e, se possível, com minha mãe. Eu não me suicidei, eu parti para junto de Deus. Fiquem cientes de que não bebo e não uso drogas, decidi que já fiz tudo que podia fazer nessa vida”.

A carta deixada por Leila revela, de modo próprio, sua trajetória de sucesso como atriz, na vida profissional e pessoal, uma vez que foi celebridade em diversas instâncias do meio artístico (AMANTES DA TV, 2018). Assim, os elementos que configuram agradecimento no documento deixado por ela evidenciam o que relatava a atriz, pelo fato de que foi feliz, soube e conseguiu ganhar dinheiro e teve uma vida boa, sabendo, nesse sentido, tirar proveito e positividade do que pôde experimentar. No entanto, a despeito disso, nota-se em sua carta fragmentos que caracterizavam um sofrimento profundo, sentimento de tristeza e de desesperança tão acentuados, que inviabilizaram seu desejo de seguir com sua vida. Isso aponta, inequivocamente, para a ideia de que para que um suicídio se consuma, uma constelação de fatores deve estar presente, com destaque para aqueles que são da ordem da organização da personalidade do sujeito.

O conteúdo deixado por Leila, em sua carta, também vai ao encontro dos achados de Handelman e Lester (2007), que ao analisarem cartas de suicidas, observaram a presença de elementos recorrentes que envolviam o apego a divindades e menções a Deus. Na carta de Leila, conforme mencionado anteriormente, há destaque para a sua própria percepção de que sua crença religiosa foi guia para o seu modo de ação em vida, já que sempre procurou ser bondosa e honesta. Em função disso, ela escreve textualmente que espera poder ser perdoada por seu suicídio, e que a gratidão manifesta em sua carta pode estar relacionada à busca de garantia de perdão pelo ato cometido, com vistas a encontrar, no “céu”, ou em outro plano, a remissão da culpa por ter se matado.

A gratidão também está presente na carta de Kurt Cobain, quando escreve: “eu gosto do fato que eu e nós atingimos e divertimos um monte de gente [...] eu tive muito, muito mesmo, e eu sou grato por isso [...]”. Vê-se que mesmo em um momento de sofrimento, há a percepção de uma satisfação sentida por algo feito – o contentamento por estar à frente de uma banda de sucesso, o Nirvana –, além de um sentimento de gratidão pelo que foi vivido e alcançado. Entretanto, vê-se em sua carta, que o sentimento de gratidão quanto ao sucesso, por exemplo, e o tanto que isso causava prazer a Kurt, foi dando espaço a outro tipo de sentimento: a insatisfação e o desprazer ao estar frente a multidões de fãs, o que foi dando cada vez mais possibilidades ao uso e abuso de álcool e drogas. Considerando sua biografia, pode-se pensar que experiências negativas no contexto familiar, tais como a participação passiva em conflitos dos pais, também são fatores que, somados a outros, predispuseram Kurt ao comportamento suicida.

Nesse sentido, Bertolote e Fleischmann (2002) apud Botega et al. (2014) apontam que um dos fatores precipitantes para o comportamento suicida é justamente o abuso de drogas. Isso só endossa o que consideram Teng e Pampanelli (2015), ao tratar como principal causa de mortes suicidas, algum transtorno psiquiátrico. Assim, no caso de Cobain, há fatores de risco evidentes em sua carta, considerando todo o contexto de desestrutura e conflitos familiares, o que certamente contribuiu para que ele contasse com menos recursos para o enfrentamento dos problemas e dificuldades da vida.

Remetendo às ideias de Freud ([1917]/1987), o relato de Kurt em relação ao tanto que, em determinado momento de sua carreira, estar nos palcos e sentir a presença dos fãs já não lhe afetava mais, pode ser compreendido em função do desligamento do ego do objeto amado. Quando o que se ama, é perdido, o ego esvazia-se e perde-se com o objetivo, o que explica os sentimentos de baixo valor, baixa autoestima, desânimo, e o próprio desamor por aquilo que um dia foi prazeroso. Quando Kurt escreve “[...] quando estou atrás do palco, as luzes se apa-

gam e o ruído ensandecido da multidão começa, nada me afetava do jeito que afetava Freddie Mercury, que costumava amar, se deliciar com o amor e a adoração da multidão”, vê-se que o estado melancólico e depressivo, sempre presentes no comportamento suicida, estão explícitos.

Em trecho de sua carta, Virgínia Woolf escreve, direcionando ao marido:

“você me deu a maior felicidade possível. Você foi, sob todos os aspectos, tudo o que alguém poderia ser [...] O que quero dizer é que devo a você toda a felicidade da minha vida. Você tem sido extremamente paciente comigo e incrivelmente bom para mim.”

Assim, pode-se observar que ela expressa agradecimento ao marido, que em vida, a tornou uma pessoa feliz, agradecendo-o, também, pela bondade e cuidado com que a tratou. Observa-se, então, que a gratidão por algo que Virgínia vivenciou se expressa de maneira explícita na carta escrita por ela, antes de cometer seu autoextermínio. Parece importante mencionar que este registro da gratidão pode ter relação com a culpa sentida por Virgínia, afinal, apesar do marido ter sido o melhor dos maridos, segundo ela mesma escreve em sua carta, Virgínia tinha relações com outra mulher, sofria de depressão e acabou se matando. Ora, que felicidade era esta, então, que o marido dava a ela? Neste contexto, deixar um agradecimento registrado pode ser entendido como uma tentativa de reparar a culpa por ter se matado. Agradecer seria quase o mesmo que dizer: a culpa não foi sua. Zimmerman (1999), ao discutir os sentimentos de culpa do paciente deprimido, destaca exatamente esta questão. Segundo ele, o indivíduo deprimido pode, eventualmente, assumir culpas de outros, reinvestindo-as em si mesmo. No caso de Virgínia, a gratidão ao marido seria, então, uma manifestação da culpa que ela atribuía também a ele, por seus sentimentos e até por seu suicídio.

Na carta deixada por Kim não há elementos explícitos que caracterizem um sentimento de gratidão ou de apego por algo. Conforme mencionado, o teor mais emotivo e o conteúdo do sofrimento são os mais marcantes.

A análise desta categoria evidencia que o agradecimento, registrado em cartas de suicidas, pode estar ligado a uma tentativa de se livrar da culpa pelo autoextermínio, sendo uma forma de não atribuir, aos que ficam, o “peso” da morte daquele que se matou. Mesmo que o apego à religiosidade configure um fator de proteção ao suicídio (BOTEGA, et al. 2006), às alusões à Deus, expressas nas cartas, parecem estar vinculadas a uma tentativa de ser “recebido no céu”, perdoado, acolhido. Botega et al. (2006) destacam, ainda, que o sentimento de pertencimento é um elemento de proteção para o suicídio. As cartas analisadas deixam evidências de que os quatro sujeitos estavam inseridos em um círculo de convivência e, ainda

assim, sentiam-se sós e desamparados a ponto de optarem pelo suicídio. Isso evidencia que a existência de pessoas ao redor do sujeito não garante o sentimento de pertencimento e apoio. Desse modo, parece ser possível concluir que a experiência individual e singular de cada sujeito é o que efetivamente oferece elementos para compreensão de seu comportamento, e não a “suposta” presença de fatores de risco e/ou de proteção para o autoextermínio. Além disso, ganha destaque a ideia de que o comportamento suicida sempre se manifesta em sujeitos com um estado mental e uma organização de personalidade próprias.

4.4 Recados/Posteridade

Segundo Roberts e Harabagiu (2012), não é incomum que cartas de suicidas contemplem aspectos como informações para cuidados no pós-morte, recados ou mensagens diretas para aqueles que ficam, numa tentativa de esclarecer e deixar evidente algo que ainda em vida, não pôde ser dito. Assim, Kurt Cobain, no final de sua carta, deixa expresso seu desejo de ser eternizado e lembrado após a sua morte, ansiando por um espaço “nos corações” de seus familiares, e dirigindo-se à Frances, sua filha, e à Courtney, sua esposa, escreve: “estarei em seu altar. Por favor, vá em frente, Courtney, por Frances. Pela vida dela, que vai ser bem mais feliz sem mim. Eu te amo, eu te amo”. Além do desejo de ser lembrado, fica clara a indicação à esposa, de que cuide da filha deles, que do seu ponto de vista, será mais feliz sem ele. Em outro momento, Cobain usa uma frase que vem da música “Hey Hey, My My”, da banda Oasis, que usa uma expressão metalinguística de tristeza, e de que uma vez que se tenha ido, não há mais volta, para deixar como legado ou possível explicação para sua atitude, a ideia de que é melhor acabar logo com um sofrimento, do que ir definhando: “então, lembrem-se, é melhor queimar do que se apagar aos poucos. Paz, Amor, Empatia”.

No caso de Virgínia Woolf, ela expressa em sua carta de despedida dois trechos emblemáticos, que caracterizam um anseio direcionado ao marido. Ela escreve: “[...] sem mim você poderia trabalhar. Eu sei que vai. [...] Se existisse alguém capaz de me salvar, seria você”. Em ambos os trechos, torna-se evidente o desejo de que o marido tenha uma vida melhor sem ela, de que ela era um fardo para ele. Inclusive, ela tenta deixar expressa a ideia de que nada poderia tê-la salvado do sofrimento que sentia, pois se tivesse sido possível, certamente ele teria feito isso, tentando “absolvê-lo” de qualquer culpa por sua morte. Tais indicações deixam claro que o conteúdo da carta de Woolf é endereçado ao marido, na busca por explicar a ele o que sentia, apontar razões para seu ato e eximi-lo de qualquer culpa ou participação: “Perdi tudo, menos a certeza da sua bondade”.

A carta de Kim Jon-Hyun, foi a que menos trouxe elementos que pudessem ser entendidos como recados e ou instruções para aqueles que ficam. Talvez em virtude de sua melancolia e sofrimento excessivos na escrita, ou mesmo pelo acometimento da depressão, fossem fatores que o tenham feito sobrepujar elementos da despedida num sentido mais estrito. Nesse sentido, o cantor aborda trechos como “eu queria que alguém percebesse, mas ninguém percebeu. [...] Apenas me diga que trabalhei duro. Mesmo que não possa sorrir ao me deixar ir, por favor, não me culpe. Eu trabalhei duro. Eu realmente trabalhei duro. Adeus”.

É expresso aqui que Kim, pelo sofrimento vivido deixa claro como comunicação para todos de que queria que percebessem seu sofrer, mas não foi o que de fato ocorreu, além disso, explicita em suas últimas linhas o desejo de que as pessoas reconheçam que tenha lutado e trabalhado duro contra todas as coisas que viveu e enfrentou, ainda, que não o culpem pelo fato. No que diz respeito à instruções póstumas mais diretas e concretas, elas não foram encontradas na carta de Kim Jon-Hyun. O que se observa é apenas o “pedido”, já discutido anteriormente, de que não o culpassem por sua decisão e de que todos tivessem a certeza de que ele havia lutado contra a depressão, mas que não tinha conseguido vencê-la. Não há nada dirigido a uma pessoa em particular.

Leila Lopes inicia sua carta escrevendo “Não chorem, não sofram”, dando os primeiros indícios de seu desejo aos que ficaram. Não há um endereçamento específico a alguém em especial, mas “recados” a todos os que ficam, tais como: “Fiquem cientes de que não bebo e não uso drogas [...] Saibam todos que tiverem conhecimento desse documento que não estou desistindo da vida, [...] Vocês dirão: Todos vivem!!!”. Este achado converge com o que foi observado por Lester e Leenaars (2016), em seus estudos de cartas de suicidas, nos quais observaram o uso mais frequente, entre mulheres, da escrita na terceira pessoa do plural. Mas, ainda que não haja um endereçamento específico em sua carta, Leila a finaliza com agradecimentos pessoais, mencionando nominalmente uma porção de pessoas que parecem ser de seu convívio íntimo e pessoal:

Ego, Esther Rocha, Thiago, Odair Del Pozzo, Felipe Campos, não se sintam esquecidos. Não posso citar nomes de amigas, pois aí seria um livro, mas Sueli você é a irmã que não tive. Márcia, seja sempre feliz amiga. Magrid, obrigada por tudo! Andréia, do TV Fama, beijo amiga. Tadeu (di Pietro) cadê você???

Ao fim da análise desta categoria, e considerando todos os resultados obtidos, é notável que as cartas deixam transparecer fatores vinculados ao sofrimento e ao turbilhão emocional vivido pelo sujeito que opta por se matar. Conforme aponta Silva (2017), as cartas refle-

tem o desassossego e as inquietações daqueles que as escrevem. Desse modo, a análise alcançada aqui reforça o objetivo do presente estudo em demonstrar a funcionalidade das cartas para os próprios suicidas, que as usam para registrar seus motivos, razões para o ato, sentimentos e até desejos pós-morte, e, em alguma medida, para os sobreviventes, que da mesma forma, têm algo a partir do qual podem tentar dar início ao processo de ressignificação da perda vivida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar as cartas de suicidas como elementos de análise é um recurso para se compreender o sentido atribuído ao fenômeno. O suicídio revela-se como um episódio dramático, que denuncia um extremo sofrimento psíquico, que está por trás do ato de se matar. A leitura e análise das cartas permitiu que fossem identificados alguns fatores que podem ser encarados como predisponentes ao suicídio, tais como a tristeza, as narrativas de sofrimento, os sentimentos de culpa, inferioridade e infelicidade, conforme proposto no objetivo deste estudo.

No que diz respeito aos fatores que poderiam ter atuado como proteção do sujeito contra o autoextermínio, destacam-se os sentimentos de alegria, proteção, satisfação e gratidão com a vida. Sobre a gratidão, que foi observada com frequência nas quatro cartas, recai um questionamento: seria ela um elemento para amenizar a culpa sentida pela decisão de acabar com a própria vida? Quanto aos fatores de risco, é notório o fato de que, transtornos mentais, o abuso de álcool e de drogas, a perspectiva de uma vida enfadonha e os estados deprimidos são realmente predisponentes ao cometimento do ato suicida, e que em se tratando de pessoas de visibilidade midiática, isso deve ser contextualizado e compreendido de maneira ainda mais profunda.

Todas as quatro personalidades analisadas aqui tiveram episódios de doença mental em seu histórico, com especial destaque para a depressão. Isso confirma o pressuposto de que a grande maioria dos suicídios está atrelada à presença de transtornos mentais. Também fica evidente a função das cartas e bilhetes: comunicar aquilo que não foi dito e/ou não foi percebido, desvelando aquilo que escapa da percepção concreta e objetiva, oferecendo subsídios para a explicação e compreensão do que se passava com o sujeito que optou por acabar com sua própria vida.

Neste contexto, vale ressaltar a importância do trabalho do profissional da Psicologia, que junto do sujeito em situação eminente de suicídio, pode ajudá-lo em sua singularidade, trabalhando na identificação e manejo de questões que lhe causam sofrimento e desprazer, e

que podem predispor-lo à autodestruição. Com isso, cede-se espaço à fala, oportunizando a revelação, em tempo hábil, daquilo que, aqui, viu-se no conteúdo das cartas. Oportunizar a fala para elaboração subjetiva é primordial para deixar claro aquilo que ‘se quisesse perceber, porém ninguém o percebe’.

REFERÊNCIAS

AMANTES DA TV. **Leila Lopes fala de carreira e vida pessoal (Entrevista 2008)**. Publicado em 14 fev 2018. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=jBVxbRgl1IA&t=62s>> Acesso em 01 jun 2018.

ARAÚJO, Renata Castelo Branco. O sofrimento psíquico na modernidade: uma discussão acerca dos sintomas atuais na clínica psicológica. **Psicologia.pt** publicado em 20 out 2012, 2010. 12 p. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0311.pdf>> Acesso em 01 mar 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 ago. 2006a. Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html> Acesso em 07 set 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Prevenção do suicídio: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental**. Brasília: [s.n.], 2006b, 76 p.

BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, 2014, p. 231-136.

BOTEGA, Neury José; WERLANG, Blanca Susana Guevara; CAIS, Carlos Filinto da Silva; MACEDO, Monica Medeiros Kother. Prevenção do comportamento suicida. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, set./dez. 2006, pp. 213-220. Disponível em: < https://professor-benedito-carlos.webnode.com/_files/200000057-43495443f5/preven%C3%A7%C3%A3o%20do%20suic%C3%ADdio%20botega.pdf> Acesso em 02 abr 2018.

CARPENTER, Belinda et al. Who Leaves Suicide Notes? An Exploration of Victim Characteristics and Suicide Method of Completed Suicides in Queensland. **Archives of Suicide Research**, v. 20 n. 2, 2016, p. 176-190.

CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 102 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O suicídio e os desafios para a psicologia**. Brasília: CFP, 2013. 152 p.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Parceria da Prefeitura de São Paulo com o CRP-SP combate suicídio**. São Paulo: CRP-SP, n. 137, 2003. Disponível em: <http://www.crp-sp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/137/frames/fr_um_mundo_melhor.aspx> Acesso em 16 jan 2018.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 12.** Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Trabalho original publicado em 1917).

HANDELMAN, Lori D.; LESTER, David. The Content of Suicide Notes from Attempters and Completers. **Crisis The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention** v. 28, n.2, fev/ 2007, p. 202-204, Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/6117040_The_Content_of_Suicide_Notes_from_Attempters_and_Completers > Acesso em 10 jun 2018.

HISTORY. **Kurt Cobain.** Seu History. sem data. Disponível em:

<<https://seuhistory.com/biografias/kurt-cobain>> Acesso em 29 mai 2018.

KALINA, Eduardo e KOVADLOFF, Santiago. **As Cerimônias da Destruição.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, 172 p.

LESTER, David e LEENAARS, Antoon. A comparison of suicide notes written by men and women. **Death Studies.** vol. 40, n. 3, 2016, p. 201–203.

LOVISI, Giovanni Marcos; SANTOS, S. A; LEGAY, L. ABELHA, L.; VALENCIA, E.. Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. **Revista Brasileira de Psiquiatria** 31 (suppl), 2009, p. 86-93.

LUIS, Maria Margarida Candeias Gomes. Dor psicológica e risco suicidário: Um estudo longitudinal com indivíduos da comunidade. **Universidade de Évora**, tese de mestrado. Portugal, set/2016, 68 p. Disponível em:
<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/19910/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_final_pos_juri.pdf> Acesso em 17 mai 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação dos dados. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002, 282 p.

MELLO-SANTOS C, Wang YP, Bertolote JM. Epidemiology of suicide in Brazil (1980-2000): characterization of age and gender rates of suicide. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, jun/2005, v. 27 n. 2, p. 131-134. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000200011> Acesso em 12 dez 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; CAVALCANTE, Fátima Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Methodological proposal for studying suicide as a complex phenomenon. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 1587-1596, Ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000800007&lng=en&nrm=iso> Acesso em 26 mar 2018.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstitutivo em múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **OMS: suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo.** Publicado em 12 set. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>> Acesso em 07 set 2017.

PESTIAN, John B. e colaboradores. Sentiment Analysis of suicide notes: A shared Task. **Biomedical Informatics Insights**, v. 5 n. 1, 2012, p. 3–16.

ROBERTS, Kirk e HARABAGIU, Sandra M. Statistical and similarity methods for classifying emotion in suicide notes. **Biomedical Informatics Insights** v.5, n.1, 2012, p. 195–204.

SILVA, Marcimedes Martins. **Suicídio – Trama da Comunicação.** 2 ed. São Paulo: Livrus, 2017. 114 p.

TENG, Chei Tung; PAMPANELLI, Mariana Bonini. O suicídio no contexto psiquiátrico. **Revista Brasileira de Psicologia**, 02(01), Salvador, Bahia, 2015 p. 41-51. Disponível em <<http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Teng-Pampanelli-2015-O-Suic%C3%ADdio-no-contexto-psiqui%C3%A1trico.pdf>> Acesso em 17 mai 2018

WERLANG, Blanca Susana Guevara; BORGES, Vivian Roxo, FENSTERSEIFER, Liza. Fatores de Risco ou Proteção para a Presença de Ideação Suicida na Adolescência. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 39, n. 2, 2005, p. 259-266. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/54513-Fatores-de-risco-ou-protecao-para-a-presenca-de-ideacao-suicida-na-adolescencia.html>> Acesso em 26 mar 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Prevención del suicidio: Um instrumento para docentes y demás personal institucional** [On-line], 2001. Disponível em: <http://www.who.int.mental_health/suicide> Acesso em 26 mar 2018

ZIMERMAN, David. **Fundamentos psicanalíticos:** teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.